



FRANK RIENEWALD
IMAGEBROKER/GLOW IMAGES

**Geografia urbana
e rural**

GEOGRAFIA GERAL 4



FRANK BIENEWALD/IMAGEBROKER/GLOW IMAGES



Os sentimentos mais genuinamente humanos logo se desumanizam na cidade.

Eça de Queirós, escritor português.

O fenômeno da urbanização e o desafio das grandes metrópoles

A origem das cidades

Estima-se que o ser humano tenha assumido a forma física e intelectual atual entre 40 mil a.C. e 25 mil a.C. Durante milhares de anos, a humanidade permaneceu nômade, deslocando-se de uma região a outra quando o extrativismo se tornava mais difícil. Nessas condições, não havia os requisitos mínimos para que surgisse algo parecido com o que hoje chamamos de cidade. Esta forma social, a cidade, demanda a criação de estruturas como moradias mais sólidas, sistemas de transporte mais eficientes, sistemas de produção, entre outras exigências viáveis somente com a fixação de grupos sociais em um mesmo espaço. E isso, por sua vez, foi possível apenas com a descoberta da atividade agrícola por volta de 10 mil a.C., supostamente na região do Oriente Próximo. A nova habilidade levou, portanto, a humanidade a um enorme salto, não menos importante do que a Revolução Industrial no século XVIII e do que estamos vivendo hoje e pode ser chamado de Revolução Informacional.¹

Produzir o próprio alimento e não depender mais exclusivamente da natureza ocasionou uma mudança radical: o nascimento da cidade, talvez a mais importante criação do gênero humano. Foi a partir dela que surgiu praticamente todo o restante das invenções humanas. É possível que poucas criações essenciais tenham sido anteriores a ela, como o fogo e a noção

do sagrado. O comércio muito certamente não teria se consolidado se não fossem as instituições, a estabilidade política e o excedente de produção permitido pela cidade. Em outros termos: antes da cidade, o homem vagava pelo mundo restrito pelos limites que a natureza lhe impunha.

:: As primeiras cidades

Afirmar qual teria sido a primeira cidade não é uma tarefa fácil. Depende tanto do que se considera cidade, e esses critérios mudam, quanto de novas descobertas arqueológicas. Uma das possibilidades é a cidade de Jericó, surgida entre 9 mil a.C. e 7 mil a.C. E o fato de estar localizada no Oriente Próximo não nos parece coincidência, conforme vimos anteriormente. No entanto, há cientistas que recusam a primazia de Jericó, alegando que seria uma vila e não uma cidade. No máximo, Jericó seria uma protocidade, quer dizer, um tipo de antecedente mais próximo das cidades. O título de primeira, até o momento, é geralmente atribuído a Uruk. Edificada entre cerca de 4 mil a. C., está localizada no que hoje é o Iraque. Tinha uma estrutura muito maior, organizada para oferecer ao menos as três garantias essenciais à instalação de uma cidade: o desenvolvimento do sagrado, vital ao conforto espiritual (independentemente de seu posterior uso político); a oferta de sistemas de segurança (contra a natureza e o próprio homem...) e o crescimento do comércio. Uruk era cercada por uma muralha e contava com prédios, bairros, templos, casas e estabelecimentos comerciais. Como se percebe, tem os três preceitos essenciais a uma cidade.

¹ Ler a Apostila 3 de Geografia Geral: *O espaço da produção*, principalmente a aula 8, "Uma nova revolução: a lógica em rede".



REPRODUÇÃO

Aspecto da cidade de Uruk, Museu Britânico.

:: A evolução das cidades

O primeiro conjunto de cidades antigas que merece destaque são as *polis* gregas. Organizadas em pequenas cidades-estados, produziram nada mais do que toda a base da civilização ocidental. Delas saíram pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles, os maiores filósofos da história da humanidade, que desenvolveram os princípios fundamentais das mais importantes ciências atuais.

Entre as cidades de destaque na cultura grega clássica, está Atenas, que na antiguidade chegou a abrigar 275 mil habitantes. Apesar de toda a glória e do que dela se originou, as mais remotas cidades, como Atenas, possibilitavam não mais do que uma vida precária, sobretudo em termos de conforto e limpeza. Um de seus principais símbolos, como o Parthenon, dividia espaço com casas minúsculas e vielas imundas. Se já na atualidade a maior parte das cidades do planeta estão longe de oferecer saneamento básico e água potável a todos, quais não seriam as deficiências há mais de 2500 anos?



STOCKPHOTOS

Parthenon, construído no século V a.C. e dedicado à deusa Atena.

A primeira megalópole, Roma, foi a sede de um império desde o século II a.C. Apresentava praticamente todas

as grandes conquistas e mazelas das metrópoles atuais. Milhares de cortiços, enormes palácios, templos, edifícios públicos, lojas, grandes mercados, comércios de todos os tipos, luxo para poucos, depósitos, teatros, estádios, muralhas, aquedutos, casas de banho, esgotos e uma extensa malha viária. Daí a origem da expressão “todos os caminhos levam a Roma”: o império chegou a ter aproximadamente 80 mil quilômetros de estradas. Era o que poderíamos chamar de uma cidade cosmopolita ou global.



ADAMI EASTLAND/ALAMY/FOTORENA

Ruínas de uma das mais famosas estradas romanas, a Via Apia.

Já na Idade Média, as cidades entraram em decadência após o fim do Império Romano e voltaram a florescer por volta do ano 1000, muitas surgidas a partir dos feudos medievais. Por toda a Europa irromperam inúmeras cidades com populações que chegavam a 10 mil habitantes, além do que parte das grandes cidades existentes até hoje foram criadas nessa época. Entre elas, Paris, que no século XIII contava com mais de 200 mil moradores.



REPRODUÇÃO

Cidade medieval de Carcassonne, no sul da França.

Um novo modo de viver e pensar: a realidade urbana ou urbanidade²

A expressão “urbano” refere-se a um novo tipo de sociedade, mas não se restringe somente aos seus aspectos materiais. A urbanidade envolve um inédito conjunto de valores, ideias, comportamentos, normas e culturas diversos do meio rural. A estrutura material das comunidades camponesas reúne não só uma paisagem distinta, mas todo o espaço geográfico.³ E dessa maneira o que importa analisar é: em que essencialmente a cidade difere do campo? Enfim, o urbano do rural? Essa diferença, por óbvio, é evidente na organização econômica, mas igualmente, como indicado, produz novas mentalidades. As novidades desse novo tipo de civilização, a urbana, abrangem todos ou quase todos os setores que podemos imaginar. Pense você que a produção, o comércio (quesitos mais evidentes), a música, a arte em geral, a escola e o ensino, a personalidade e até a própria forma de pensar e estruturar as ideias e os sentimentos são diferentes na cidade em relação ao campo. São, em vista disso, notórias as disparidades dos estilos de vida entre um habitante do campo e da cidade. E a dissemelhança se acentua quanto maior for a cidade e, na sequência, a metrópole.

Urbanidade: velocidade e individualismo

A velocidade do modo de viver estimula uma sociedade diferente. E a urbanidade, própria do espaço geográfico capitalista, impele a um modo muito particular de se viver, permeado em todos os seus aspectos pela competição e pelo individualismo, enfraquecendo, conseqüentemente, a solidariedade. Nessa acepção, deprime o espírito coletivo. Por isso, vemos, entre outros fatores, as cidades e metrópoles enquanto enormes aglomerados de seres humanos, que, mesmo estando muito próximos, não se relacionam solidariamente, mas

² Em geral, as informações debatidas aqui nesta parte remetem às análises científicas discutidas pelo sociólogo espanhol Manuel Castells em sua obra clássica, *A questão urbana*.

³ De acordo com o geógrafo Milton Santos, a paisagem está relacionada aos objetos e todo o sistema material em si. É a concretização ou o resultado final das ações humanas. Por outro lado, o espaço geográfico integra o sistema de valores (significados e sentidos) agregados pelo homem. Por exemplo, se todos os seres humanos desaparecessem, a paisagem ainda continuaria existindo, ao menos durante determinado tempo, mas o espaço geográfico desapareceria na medida em que nenhuma das produções materiais teriam mais sentido e utilidade: os valores são atribuídos por meio da participação humana direta. Ou seja, o mundo sem ninguém não é mundo.

competem e se repelem. Há cada vez menos o interesse mútuo por relações sociais pessoais e diretas.

É incomum termos os vizinhos durante décadas e nem ao menos conhecermos os seus nomes? E o que então não poderíamos dizer, por exemplo, dos casais e famílias que, estando fisicamente próximos no mesmo território, no mesmo espaço, na mesma moradia, permanecem a maior parte do tempo entretendo-se seja com a televisão ou com os novos aparelhos conectados à rede mundial de computadores? São novas realidades psicossociológicas que se retroalimentam aprofundando o individualismo e a falta de solidariedade e que não existiam nos espaços rurais ou em pequenas cidades.

A cidade seria um território patológico?

Quanto maior a cidade, menores os elos comunitários e maior a competição social. Em quantos lugares, em quantos bairros e cidades ainda existem as longas e intensas amizades entre famílias que vivem próximas? Normalmente nas gerações de nossos pais e avós havia uma maior convivência social.

O sociólogo alemão Louis Wirth (1897-1952), da Universidade de Chicago, com seus estudos, sintetizou algumas posições pertinentes ao que entende fazer parte do novo modo de viver das cidades e do meio urbano, fundamentalmente das metrópoles. Para ele, a cidade “suscita o caráter esquizoide⁴ da personalidade humana”. Quer dizer, segundo Wirth, as cidades favorecem, como afirmamos, o individualismo e a competição, características normalmente intrínsecas à urbanização de natureza capitalista. Não nos cansamos de ouvir o elogio e a pregação ao sucesso? E este, o sucesso, não depende essencialmente do individualismo e da competição?

Continua Louis Wirth qualificando a vida na cidade pelo anonimato, pela superficialidade, pelo caráter transitório das relações sociais urbanas, pela anomia⁵ e pela falta de participação.

E por que é assim? Em seu livro já referido,⁶ Manuel Castells afirma que as relações urbanas permeadas pelo individualismo e pela competição são necessárias para a construção de um espaço geográfico capitalista industrial. Quer dizer, sem esse estilo de vida a divisão do trabalho e

⁴ Sem nos atermos aos detalhes das ciências psicológicas, caráter esquizoide está relacionado ao desinteresse pelas relações sociais, frieza emocional e tendência ao isolamento.

⁵ Situação em que há falta de objetivos, regras e identidade.

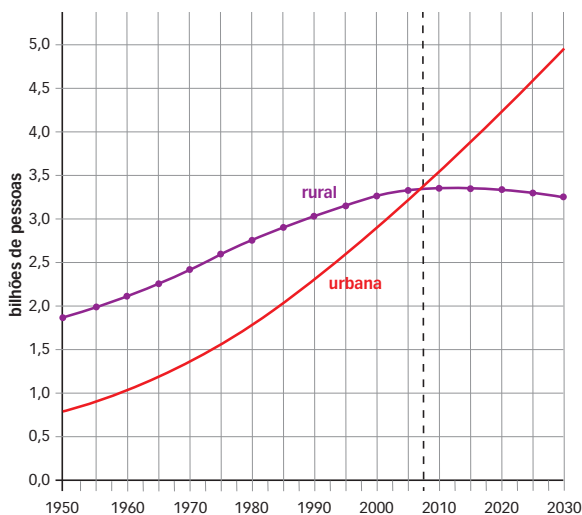
⁶ *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

a economia de mercado poderiam ser inviabilizados. Logo, os relacionamentos sociais, na cidade e na metrópole, passam a se limitar “aos objetivos próprios de cada indivíduo”. Ainda segundo Castells, tudo isso propiciaria a “selvageria individual” e a “desorganização da personalidade”. Daí, o autor explica a progressão do crime, do suicídio, da corrupção e da loucura nas grandes metrópoles.

Vale a pena lembrar: a partir de relatório⁷ da ONU, 54% da população mundial vive em áreas urbanas e a previsão para 2050 é de 66%. Portanto, a aplicação de políticas públicas para o incentivo da solidariedade, da convivência social e do espírito coletivo é urgente.

O gráfico a seguir exhibe a evolução mundial da urbanização. Observemos que “a virada” ocorreu próxima ao ano de 2008.

Evolução da população urbana e rural no mundo



Fonte: ONU (2006).

Metrópoles: um local apropriado para o consumo e os negócios

A urbanização capitalista ou a cidade industrial surgida com o movimento da Revolução Industrial inglesa no século XVIII altera intensamente o ambiente urbano. Recordemos que as cidades surgiram há milhares de anos, mas a cidade industrial há bem menos tempo: há menos de 300 anos, e as metrópoles modernas são mais recentes ainda (século XX). Como são muito recentes, não se sabe exatamente como vão evoluir.

:: Os negócios

Se considerarmos Manchester (Inglaterra) a primeira cidade industrial capitalista, temos um modelo nada animador. A aglomeração, necessária ao estabelecimento da indústria (negócios...), e o consumo concentrado levaram às dificuldades que enfrentamos no mundo urbano até a atualidade.

Nos primeiros centros industriais ingleses eram comuns graves problemas de saúde coletiva, péssimas condições gerais de vida (transporte, alimentação, educação etc.), extenuantes jornadas de trabalho, trabalho infantil (crianças trabalhando em fábricas mais de 12 horas por dia), ausência total de direitos, enfim, pobreza muito maior que nas áreas rurais de seu entorno. O capitalista inglês da Revolução Industrial via a cidade como simplesmente um território para se acumular lucro e não para viver. Lá, na cidade, é claro, viviam os operários e suas famílias, mas os patrões habitavam amplas e confortáveis residências nos arredores rurais das cidades industriais. Dentro desse contexto, não é coincidência os sindicatos de trabalhadores terem surgido na Inglaterra. E como necessidade para dar suporte e vazão à produção industrial e toda sua logística de distribuição, a cidade industrial foi se formatando: ferrovias, pontes, túneis, fábricas e mais fábricas, áreas residenciais operárias, multidões de operários aglomerados, estradas, ausência de áreas livres etc. Os negócios não podiam parar: o território da urbanidade capitalista era formatado pela indústria burguesa.

:: A cidade está destinada a ser um grande shopping center?

Por consequência, aquilo que era (é) produzido, deveria (deve) ser vendido. E para isso, o que continua cada vez mais presente, a sociedade do espetáculo e da cultura da imagem tornaram-se vitais. Sofisticando ainda mais o modelo, já nas sociedades globalizadas os arquitetos e demais profissionais são convocados a planejarem o espaço urbano.

Nesse ponto de vista, o que são e quais são os papéis dos centros de compra, mais conhecidos como *shopping centers*?

Em conclusão, abre-se o caminho para o surgimento e a multiplicação das grandes cidades, das metrópoles e depois das megalópoles.⁸ O mundo se modificava para sempre.

⁷ Perspectivas da Urbanização Mundial, edição de 2014.

⁸ Com o crescimento das metrópoles, muitas acabavam passando por um fenômeno de junção normalmente por seus respectivos subúrbios. Dessa união de metrópoles forma-se a metrópole conurbada (conurbação) ou a megalópole.

A seguir, apresentamos um quadro comparativo com as maiores metrópoles do mundo.

Maiores concentrações urbanas, 1970 e 2015 (população em milhões)			
1970		2015	
1. Tóquio, Japão	16,5	1. Mumbai, Índia	28,2
2. Nova York, Estados Unidos	16,2	2. Tóquio, Japão	26,4
3. Shangai, China	11,2	3. Lagos, Nigéria	23,2
4. Osaka, Japão	9,4	4. Daca, Bangladesh	23,0
5. Cidade do México, México	9,1	5. São Paulo, Brasil	20,4
6. Londres, Inglaterra	8,6	6. Karachi, Paquistão	19,8
7. Paris, França	8,5	7. Cidade do México, México	19,2
8. Buenos Aires, Argentina	8,4	8. Nova Délhi, Índia	17,8
9. Los Angeles, Estados Unidos	8,4	9. Nova York, Estados Unidos	17,4
10. Pequim, China	8,1	10. Jacarta, Indonésia	17,3

Fonte: BROCKERHOFF, Martin B. An urbanizing world. (*Population Reference Bureau*, Washington, DC, 2000) apud Deool (2006).

E agora, para onde vamos?

Encontramo-nos em uma situação paradoxal. Ao mesmo tempo em que temos recursos e tecnologias mais que suficientes para a construção de cidades decentes, planejadas e muito bem administradas, a maior parte da humanidade viveu ao longo da história e ainda vive muito precariamente. Os dados de saneamento básico, indicadores como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH),⁹ as centenas de milhões de pessoas que ainda passam fome,¹⁰ entre outras várias informações estatísticas, provam a consistência dessa afirmação.

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2015 do PNUD, nos 188 países estudados a distribuição ocorre (em relação ao IDH) da seguinte maneira:

	Nível do IDH							
	Muito alto	%	Alto	%	Médio	%	Baixo	%
Quantidade de países e percentuais	49	21	56	24	39	16	93	39

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano, 2015, PNUD. Elaboração do próprio autor.

Apenas 21% dos países vivem muito bem. Um grande número de países, 93, têm um baixo IDH. Estamos, assim, ainda distantes de uma condição desejável.

A solução talvez esteja em utilizarmos os recursos, as tecnologias e as propostas disponíveis, conforme já comentamos, para melhorarmos o planejamento e a gestão dos territórios.

Para a ONU, desde os anos 1990, a saída está no **desenvolvimento sustentável**. Oficialmente, as Nações Unidas passaram a recomendar tal alternativa desde 2002 com a *Declaração de Joanesburgo*, elaborada durante a Cúpula Mundial realizada na África do Sul. Nela, define-se **desenvolvimento** não somente por seu aspecto econômico, o **economicamente viável**, mas também com a inclusão do **socialmente justo** e do **ambientalmente correto**. Caso contrário, o desenvolvimento permaneceria **insustentável**.

⁹ O IDH é utilizado como indicador de referência pelo Programa Nacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). É, de certa maneira, empregado como uma alternativa ao Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* na avaliação do desenvolvimento, pois este se concentra somente no quesito econômico. O IDH inclui também aspectos sociais pertinentes à qualidade de vida: basicamente saúde, renda e educação. O IDH varia de 0 a 1. Quanto mais próximo do 0 (zero) maior a pobreza e quanto mais próximo do 1, melhor a qualidade de vida.

¹⁰ Leia a aula 13 desta Apostila.

Vejamos:

Se as pessoas estiverem tão imersas na pobreza e na miséria, como poderão comprar? E se não comprarem, o que ocorrerá com as empresas? Elas conseguirão se sustentar? Elas manterão os empregos? Manterão os salários? Elas não acabariam demitindo em massa e rebaixando os salários e direitos trabalhistas? Não entraríamos, assim, em um profundo círculo vicioso de caos econômico?

Na perspectiva social, é sustentável uma situação em que o PIB mundial cresça em altos percentuais e seja cada vez mais apropriado por um ínfimo percentual da população mundial? Teríamos o cenário da economia indo muito bem, mas o povo indo muito mal. A consequências sociais não seriam drásticas?

O meio ambiente igualmente está conectado com os dois pontos anteriores. Um planeta com a natureza destruída poderia abrigar seres humanos e atividade econômica?

É até possível dizer que a definição de desenvolvimento sustentável nos parece óbvia demais. E tal afirmação é perfeitamente plausível. No entanto, infelizmente, não é o que ocorre na prática. Tanto que se fez necessária a discussão planetária, por décadas, para se chegar à conclusão de que ou se faz isso ou continuaremos caminhando, a passos largos, a uma situação catastrófica e sem retorno.

Propostas concretas e factíveis existem. Além disso, já são amplamente conhecidas pelos gestores públicos, empresas, organizações da sociedade civil e movimentos sociais. Basta serem aplicadas.

:: Rio+20 e as cidades

Realizada na cidade do Rio de Janeiro em 2012, 20 anos após a Eco-92,¹¹ a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) resultou em um acordo global para o cumprimento de 17 metas, chamadas de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), entre o período de 2015 a 2030. Entre eles, está o objetivo 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis.

Resumidamente, as metas principais nessa área são:

- Garantir a todos habitação segura com todos os serviços básicos e a preços acessíveis.
- Oferecer sistemas de transporte acessíveis, sustentáveis, de qualidade e seguros para toda a população.
- Aumentar a urbanização inclusiva e sustentável com a participação da população no planejamento e gestão das cidades.
- Reduzir substancialmente o número de mortes causadas por catástrofes, bem como os impactos socioeconômicos negativos.
- Reduzir o impacto ambiental nas cidades com atenção especial para a poluição do ar, além da correta gestão dos resíduos municipais.
- Possibilitar a todos o acesso a áreas públicas verdes.
- Integrar as áreas urbanas e rurais nos aspectos econômico, social e ambiental nas escalas local, nacional e regional.

¹¹ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento.

A seguir, verifique a tabela completa com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável:



A grande questão permanece: os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, as indicações sobre como governar em nome da sustentabilidade e as práticas necessárias para a criação de cidades inclusivas poderão ser alcançados sem que a enorme concentração de renda no planeta seja diminuída?¹² De onde tirar os recursos para a construção de cidades humanizadas e decentes?

EXERCÍCIO

1. (Enem)

Trata-se de um gigantesco movimento de construção de cidades, necessário para o assentamento residencial dessa população, bem como de suas necessidades de trabalho, abastecimento, transportes, saúde, energia, água etc. Ainda que o rumo tomado pelo crescimento urbano não tenha respondido satisfatoriamente a todas essas necessidades, o território foi ocupado e foram construídas as condições para viver nesse espaço.

MARICATO. E.

Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana.
Petrópolis: Vozes, 2001.

A dinâmica de transformação das cidades tende a apresentar como consequência a expansão das áreas periféricas pelo(a)

- a) crescimento da população urbana e aumento da especulação imobiliária.
- b) direcionamento maior do fluxo de pessoas, devido à existência de um grande número de serviços.
- c) delimitação de áreas para uma ocupação organizada do espaço físico, melhorando a qualidade de vida.
- d) implantação de políticas públicas que promovem a moradia e o direito à cidade aos seus moradores.
- e) reurbanização de moradias nas áreas centrais, mantendo o trabalhador próximo ao seu emprego, diminuindo os deslocamentos para a periferia.

ESTUDO ORIENTADO

Caro(a) aluno(a),

Como ocorre também no estudo de outros temas, a relação entre o campo e a cidade apresenta uma ligação intensa com nossa vida diária. Esperamos que tanto o texto desta aula como das outras duas seguintes permitam que você compreenda muito claramente essa conexão.

Sobre a presente aula, é importante que se consiga compreender a origem histórica (temporal) dos atuais desafios do espaço geográfico existentes na cidade onde você mora, trabalha e estuda. Espera-se, igualmente, que a reflexão individual e coletiva lhe possibilite propor e avaliar ideias no sentido de eventuais indicações de soluções aos dilemas das metrópoles.

Bons estudos!

EXERCÍCIOS

1. (Enem)

No dia 1º de julho de 2012, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a primeira do mundo a receber o título da Unesco de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural. A candidatura, apresentada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foi aprovada durante a 36ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial. O presidente do Iphan explicou que “a paisagem carioca é a imagem mais explícita do que podemos chamar de civilização brasileira, com sua originalidade, desafios, contradições e possibilidades”. A partir de agora, os locais da cidade valorizados com o título da Unesco serão alvo de ações integradas visando à preservação da sua paisagem cultural.

Adaptado de: cultura.gov.br.
Acesso em: 7 mar. 2013.

O reconhecimento da paisagem em questão como patrimônio mundial deriva da

- a) presença do corpo artístico local.
- b) imagem internacional da metrópole.
- c) herança de prédios da ex-capital do país.
- d) diversidade de culturas presente na cidade.
- e) relação sociedade-natureza de caráter singular.**

2. (IBMEC-RJ) Esta é uma clássica definição sobre as chamadas cidades globais: “As cidades globais são os principais centros financeiros e bancários do planeta. Concentram o controle administrativo de grandes empresas ou de organizações internacionais, além de serviços modernos e especializados”. As mais importantes cidades globais são:

- a) Berlim, Nova York e Paris.
- b) Los Angeles, Paris e Londres.
- c) Washington, Moscou e Pequim.
- d) Nova York, Londres e Tóquio.**
- e) Detroit, Estocolmo e Amsterdã.

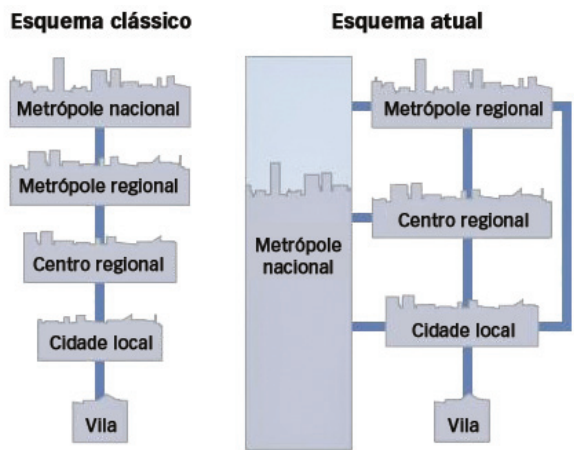
3. (UFMG-MG) Após a década de 1950, verifica-se, no processo de urbanização de algumas regiões do mundo, a formação de megalópoles. Sobre esse tipo de região urbana, é incorreto afirmar que:

- a) está associado às características do processo de urbanização típicas dos países desenvolvidos, sem condições de ocorrência nos países subdesenvolvidos.**

- b) apresenta uma grande área de conurbação, cuja constituição é orientada pelos eixos de crescimento das principais cidades da região.
- c) ocorre em espaços onde se verificam fluxos intensos, decorrentes do dinamismo das atividades produtivas e de distribuição, dentre outras.
- d) foi identificado primeiro nos EUA, mas atualmente é encontrado em outras áreas do mundo, notadamente em países da Europa e no Japão.

4. (UFJF-MG) As figuras a seguir representam dois esquemas de relações entre as cidades: o clássico e o atual.

Relações entre as cidades em uma rede urbana



Adaptado de: SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. *Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1999.

Por que a concepção tradicional de hierarquia urbana está sendo substituída pela atual?

- a) Porque muitos distritos, vilas e até mesmo bairros se emanciparam e foram elevados à categoria de município.
- b) Porque o êxodo rural leva ao desaparecimento de muitas vilas e cidades pequenas, localizadas distantes das metrópoles.
- c) Porque o avanço tecnológico dos transportes e comunicações e a disponibilidade de renda encurtam as distâncias.**
- d) Porque a queda de regimes totalitários não permitiu maior mobilidade da população e favoreceu a migração interurbana.
- e) Porque as atuais diretrizes do planejamento urbano promovem a concentração das indústrias de base nas metrópoles.

5. (Unifesp-SP) Megacidades são aglomerações urbanas que:
- a) alojam centros do poder mundial e sedes de empresas transnacionais.
 - b) concentram mais de 50% da população total, em países pobres.
 - c)** têm mais de 10 milhões de habitantes, em países ricos ou pobres.
 - d) pertencem a países de grande importância no comércio mundial.
 - e) não têm infraestrutura de comunicação suficiente, apesar de serem grandes.

6. (Enem)

Embora haja dados comuns que dão unidade ao fenômeno da urbanização na África, na Ásia e na América Latina, os impactos são distintos em cada continente e mesmo dentro de cada país, ainda que as modernizações se deem com o mesmo conjunto de inovações.

ELIAS, D.

Fim do século e urbanização no Brasil.
Revista Ciência Geográfica,
ano IV, n. 11, set/dez. 1988.

O texto aponta para a complexidade da urbanização nos diferentes contextos socioespaciais. Comparando a organização socioeconômica das regiões citadas, a unidade desse fenômeno é perceptível no aspecto

- a) espacial, em função do sistema integrado que envolve as cidades locais e globais.
- b) cultural, em função da semelhança histórica e da condição de modernização econômica e política.
- c)** demográfico, em função da localização das maiores aglomerações urbanas e continuidade do fluxo campo-cidade.
- d) territorial, em função da estrutura de organização e planejamento das cidades que atravessam as fronteiras nacionais.
- e) econômico, em função da revolução agrícola que transformou o campo e a cidade e contribuiu para fixação do homem ao lugar.

7. (UPF) Um olhar recente sobre o comportamento do processo de urbanização na América Latina permite afirmar que:

- a) em torno de 80% da população vive em áreas urbanas e apresenta cinco megacidades com mais de cinco

milhões de habitantes: Cidade do México, Buenos Aires, Brasília, São Paulo e Montevidéu.

- b) a grande oferta de moradias verificada na última década, resultante de políticas governamentais e empreendimentos privados da construção civil, praticamente eliminou o *déficit* habitacional, estabelecendo um equilíbrio entre demanda e oferta nesse setor.
- c) o acelerado crescimento econômico do Brasil, verificado na última década, acelerou, também, a taxa de urbanização, a redução do nível de pobreza e a desigualdade econômica, colocando-o entre os primeiros países na igualdade de distribuição de renda, ao lado de Guatemala, Argentina e Uruguai.
- d)** nas últimas décadas, o crescimento demográfico tem se apresentado mais lento. Reduziram, também, o ritmo de crescimento da aglomeração nas grandes metrópoles e o deslocamento do campo para a cidade.
- e) o desenvolvimento sustentável das cidades acompanha a sensível melhoria da qualidade de vida da população, a eliminação da pobreza e da desigualdade e a redução da violência.



RODA DE LEITURA

Nos textos a seguir, os respectivos autores analisam a cidade enquanto conquista humana, bem como as disparidades de seu modelo atual.

[...] a mais consciente e, no geral, a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refez a si mesmo.

Robert Park,
sociólogo urbano.

Os bairros ricos são atendidos por toda sorte de serviços, tais como escolas caras, campos de golfe, quadras de tênis e patrulhamento particular 24 horas por dia, que se emaranham entre ocupações ilegais, onde a água é disponível somente em fontes públicas, nenhum sistema sanitário existe, a eletricidade é privilégio de poucos, as ruas se tornam lama quando

chove e o compartilhamento dos espaços domésticos é a norma. Cada fragmento parece viver e funcionar autonomamente, atendo-se com firmeza àquilo que foi possível agarrar na luta diária pela sobrevivência.

Marcello Balbo,
professor de Planejamento Urbano.

Após a leitura indicada, desenvolva texto dissertativo utilizando as opiniões dos autores em relação ao bairro e à cidade em que você mora. Finalize sua análise com possíveis perspectivas para o futuro.

NAVEGAR

:: Sites

Observatório das Metrôpoles

Disponível em: observatoriodasmetrolopes.net. Acesso em: 15 abr. 2016.

O Observatório das Metrôpoles, criado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é composto de 159 pesquisadores e 59 programas de pós-graduação. Trata-se de uma instituição de pesquisa em rede, cuja missão é o desenvolvimento de pesquisa científica e a proposição de políticas públicas. O *site* divulga para acesso livre inúmeras produções e estudos na área. Entre os destaques está a produção do Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU), cujos resultados são apresentados em ibeu.observatoriodasmetrolopes.net (acesso em: 15 abr. 2016).

Centro de Estudos da Metrôpole – CEM

Disponível em: fflch.usp.br/centrodametropole/. Acesso em: 15 abr. 2016.

O Centro de Estudos da Metrôpole é uma instituição de pesquisa científica em ciências sociais voltada às políticas públicas para as metrôpoles. É vinculado à Universidade de São Paulo (USP) e ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Criado em 2001, já produziu centenas de estudos, além de ter realizado dezenas de encontros científicos. Em seu *site* é possível acessar boa parte de suas produções, inclusive bases de dados relacionadas à demografia, divisão territorial, desigualdade social, bases cartográficas, entre várias outras.

:: Vídeo

Entrevista da urbanista Raquel Rolnik

Disponível em: [youtube.com/watch?v=-Bm7GC__EZ4](https://www.youtube.com/watch?v=-Bm7GC__EZ4). Acesso em: 15 abr. 2016.

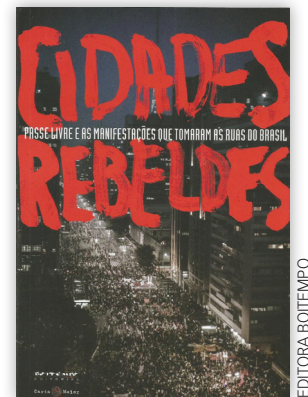
A urbanista, arquiteta, relatora especial da ONU para o direito à moradia adequada e professora da USP, Rolnik, é uma das maiores especialistas do mundo no tema cidades. O vídeo aqui sugerido, de produção alternativa, proporciona excelentes ensinamentos transmitidos de maneira bastante didática. Nele se fala sobre moradia, transporte público, importância das eleições municipais, modelo de cidade, periferias, experiências internacionais de habitação popular e vários outros assuntos afins. Essencial para se entender as metrôpoles atuais. Vale a pena também consultar o blogue da professora, disponível em: raquelrolnik.wordpress.com/ (acesso em: 15 abr. 2016).

:: Livros

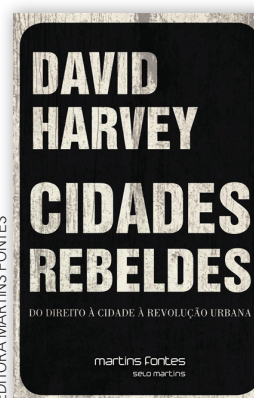
MARICATO, Ermínia et al.

Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

Reunindo vários artigos, o livro analisa as manifestações de rua de 2013 no Brasil, essencialmente vinculadas às condições precárias das cidades para a maioria.



EDITORA BOITEMPO



EDITORA MARTINS FONTES

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.* São Paulo: Martins Fontes, 2014.

O geógrafo britânico desenvolve profundas análises entre o capitalismo atual e suas relações com as cidades.

 **ÁGORA**

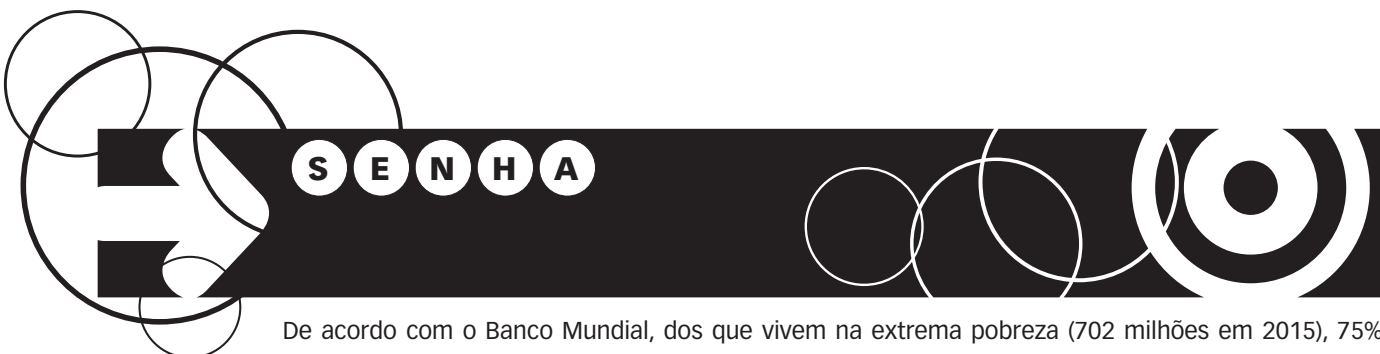
A cidade somente será repensada e reconstruída sobre suas ruínas atuais depois de termos compreendido adequadamente que a cidade é daqueles que são seus moradores. E é por causa deles que temos de organizá-la finalmente de uma forma humana.

FREITAG, Bárbara.

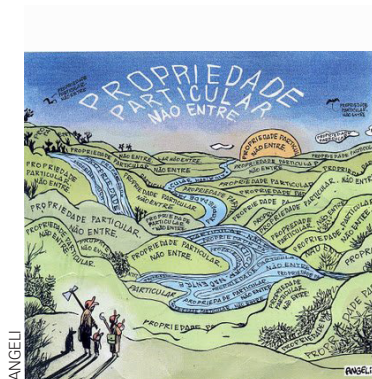
Teorias da cidade. Papirus Editora, 2013.

(Frase de Henri Lefebvre citada no livro *La production de l'espace.* Paris, Anthropos, 1974.)

Quais seriam as soluções para as metrópoles? O que você colocaria em prática se fosse o(a) prefeito(a) de uma grande cidade como São Paulo? Ou seja, como resolver os seus problemas essenciais relacionados, por exemplo, ao transporte e à moradia?



De acordo com o Banco Mundial, dos que vivem na extrema pobreza (702 milhões em 2015), 75% estavam nos campos.



É assegurada a todos a oportunidade de acesso à propriedade da terra, condicionada pela sua função social, na forma prevista nesta Lei.

Estatuto da Terra, artigo 2º.

Geografia rural e agrária

Ruralidade

A partir da Revolução Industrial, a urbanização expandiu-se incrivelmente, encolhendo de maneira radical a presença do meio rural e, ainda, alterando seu formato em razão da mecanização do campo. Apesar de o índice de urbanização ter fortemente reduzido sua intensidade, depois de séculos de robusta elevação, a urbanização continua crescendo, mas agora com maior vigor em países periféricos e semiperiféricos que nos países centrais. Observemos o quadro a seguir:

Taxa de urbanização nos países desenvolvidos e em desenvolvimento (%)

Países industrializados				Países recentemente industrializados			
País	1975	2001	2015	País	1975	2001	2015
Bélgica	94,9	97,4	98,0	Cingapura	100,0	100,0	100,0
Austrália	85,9	91,1	94,8	Argentina	80,7	88,3	90,2
Reino Unido	88,7	89,5	90,8	Coreia do Sul	48,0	82,4	88,2
Alemanha	81,2	87,7	89,9	Brasil	61,8	81,7	87,7
Japão	75,7	78,9	81,5	México	62,8	74,6	77,9
Estados Unidos	73,7	77,4	81,0	África do Sul	48,0	57,6	67,2
Itália	65,6	67,1	70,6	China	17,4	36,7	49,5
Portugal	27,7	65,6	77,5	Índia	21,3	27,9	32,2

Fonte: Human development report 2003. Nova York: PNUD/Oxford University Press, 2003.

Veja que nos países chamados industrializados (normalmente os de capitalismo central), salvo Portugal, em geral a variação percentual da urbanização não é muito significativa. Esses números confirmam o arrefecimento da velocidade do processo de urbanização. Contudo, conforme indicado, nos países semiperiféricos (na presente tabela eles são denominados *recentemente industrializados*) a taxa de urbanização é sensivelmente maior e em alguns deles, como Coreia do Sul e China, o percentual é elevadíssimo.

Vamos refletir:

Segundo o quadro acima, mesmo com percentuais baixos, a urbanização é constante em todos os países pesquisados, em nenhum houve taxa negativa. Tendo como exemplo Cingapura, ela já é total. Podemos então questionar: o rural tende a desaparecer, fazendo assim extinguir-se a relação rural-urbano? De acordo com a maior parte dos estudiosos, o

mundo não caminhará para uma “urbanização completa” como se chegou a acreditar.

A alternativa mais provável e que tem sido a mais defendida é a de que o meio rural tem consolidado um processo de modernização. Suas características essenciais permanecem, mas passa por transformações que o diferencia das antigas sociedades camponesas. Torna-se diminuto em relação ao urbano e incorpora acentuada mecanização por meio de avançadas tecnologias e inovação. Entretanto, não desaparece e provavelmente não desaparecerá, mesmo no longo prazo.

:: Características da ruralidade

A ruralidade, de acordo com o professor Ricardo Abramovay,¹ é composta de três relações básicas: com a natureza, com a cidade e entre as pessoas, isto é, os seus habitantes. Nesse caso, não é difícil entender que em regiões com baixa densidade demográfica as relações sociais são, normalmente, muito diferentes se compararmos com localidades densamente povoadas. Nas primeiras, por exemplo, haverá menos trocas de conhecimentos e experiências; menos necessidades de infraestrutura (saúde, educação, transporte, moradia etc.); menos violência, entre outros fatores. Já nas grandes cidades, e muitos de nós vivemos isso, as exigências e desafios são enormes.

Para o pesquisador Arilson Favareto,² o campo, em sua relação com a natureza e com a cidade, deixa de estar limitado somente às suas tradicionais funções: extrativismo, agricultura, pesca, pecuária e fornecimento de matéria-prima à indústria. Suas atividades econômicas se tornaram mais complexas, sobretudo a produção de fontes renováveis de energia (biocombustíveis alternativos aos derivados do petróleo) e a conservação da diversidade biológica, cada vez mais foco das atenções globais.

Esses novos papéis conferem à ruralidade uma nova configuração sem deixar de apresentar as suas características primordiais.

Ruralidade e capitalismo

O capitalismo industrial, como já sabemos, proporcionou a produção de riquezas em quantidades e variedades jamais vistas pela humanidade, assegurando

a conquista de novos patamares em diversas áreas. Paralelamente, houve e há o crescimento de mazelas e patologias sociais; de todos os tipos de violência; doenças; imensas desigualdades; elevadas taxas de crescimento demográfico; popularização de bens manufaturados e serviços; e notável progresso do conhecimento, da ciência e da cultura. A economia rural, alterada pelo advento do capitalismo industrial, deu gigantesco salto na produção de alimentos e, mais recentemente, passa a produzir energia (biocombustíveis) por meio da biomassa.³

Terra: função social ou comercial?

No setor econômico rural, alguns temas são de conhecimento obrigatório: agricultura familiar, agronegócio e trabalho assalariado no campo constituem alguns dos mais importantes. E saber a respeito do campo e da produção rural não interessa somente aos que lá vivem e trabalham. Até porque, de onde vêm as refeições que nos mantêm vivos? O que seria das cidades se todos os trabalhadores e as trabalhadoras do campo migrassem? Os preços dos alimentos que consumimos também não dependem do trabalho dos camponeses? Segundo afirma uma das principais leis do capitalismo, se a concorrência não existir ou for muito pequena no meio rural, isso não impactará negativamente no quanto gastamos na cidade para podermos nos alimentar? O domínio da produção agropecuária por poucos latifúndios influencia os preços de que maneira? Portanto, aqueles que moram nas cidades têm sim muito a ver com o que acontece no campo. Isso sem nos atermos ao elevado uso de agrotóxicos nos produtos naturais que diariamente estão em nossas mesas, em alimentos geneticamente alterados, ao inchaço das cidades provocado pelo êxodo rural, entre várias outras questões.

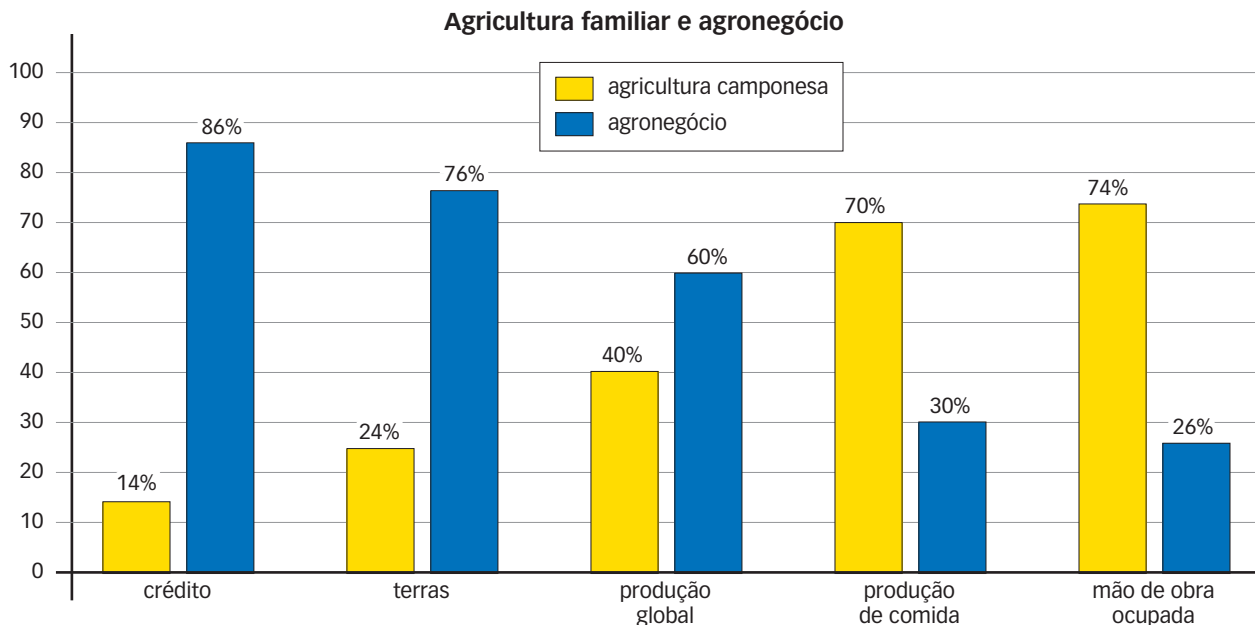
Tendo como exemplo o Brasil, o quadro a seguir nos possibilita uma visão comparativa bastante interessante entre a agricultura familiar e o agronegócio. Situação que não é muito diferente em diversos países periféricos e semiperiféricos com territórios de grandes dimensões.

¹ *O futuro das regiões rurais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

² *Paradigmas do desenvolvimento rural em questão*. São Paulo: Iglu, 2007.

³ Geração de energia a partir da decomposição de materiais orgânicos (resíduos agrícolas, restos de alimentos etc.).

Vejam os:



Fonte: Professor Doutor em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, Marco Antonio Mitidiero Júnior, baseado nos dados do Censo Agropecuário do IBGE, 2006.

Aproximadamente 70% dos alimentos que consumimos (incluindo o leite) são oriundos da agricultura camponesa, quer dizer, de agriculturas de pequeno porte, entre elas, a agricultura familiar. No entanto, esses proprietários ficam apenas com 14% do crédito disponível para a produção e, notemos bem, possuem não mais do que 24% das terras. Concomitantemente, o agronegócio fica com 86% do crédito, 76% das terras e responde apenas por 30% do que comemos. Seria razoável concluir que, caso o crédito e os solos para a agricultura de pequeno porte aumentassem, a oferta de alimentos igualmente se expandiria e talvez os preços diminuíssem.

Outro dado marcante: os grandes proprietários e latifúndios empregam apenas 26% da mão de obra do campo, enquanto as médias e pequenas propriedades empregam 74%. E, como se sabe, quanto mais emprego, mais salários e quanto mais salários, mais renda, mais o comércio vende, mais as empresas produzem, mais as empresas empregam. Há assim mais renda, formando-se um círculo virtuoso não só para o campo, mas que também é transbordado para a cidade, isto é, para toda a sociedade.

Por que então a reforma agrária não é realizada? Por que a agricultura familiar⁴ não recebe mais incentivos? Essas são algumas das reflexões que propomos a você a partir dos textos e atividades desta aula.

O conceito de **agronegócio** é oriundo da definição de *agribusiness*, criado pelos professores John Davis e Ray Goldberg da Universidade de Harvard nos anos 1950. Nessa lógica, o agronegócio expressa as relações econômicas do setor agropecuário com as dimensões industrial, comercial e de serviços. Envolve, dessa maneira, a produção agropecuária e florestal, bem como a aquicultura, seguidas de seu beneficiamento, transformação e distribuição.

De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em 2015 o peso do agronegócio no PIB brasileiro foi de 23%, alcançando, portanto, R\$ 1,2 trilhão (R\$ 825,08 bilhões para o ramo agrícola e R\$ 396,27 ao setor pecuário). Estima-se que em nível mundial o percentual seja muito parecido ao brasileiro. Sendo assim, o “PIB global da agropecuária” está em torno de US\$ 17,05 trilhões – praticamente igual ao PIB total dos Estados Unidos para o ano de 2015: US\$ 17,97 trilhões.⁵

Por certo, é inquestionável a geração de riquezas pelo agronegócio, o que não impede a seguinte pergunta, especialmente quando comparamos os resultados e benefícios sociais da agricultura familiar com o agronegócio: até que ponto as operações de porte mais desenvolvido contribuem para o bem-estar público?

⁴ Organizado pela FAO, 2014 foi o Ano Internacional da Agricultura Familiar.

⁵ Fonte: *The World Factbook*, CIA.

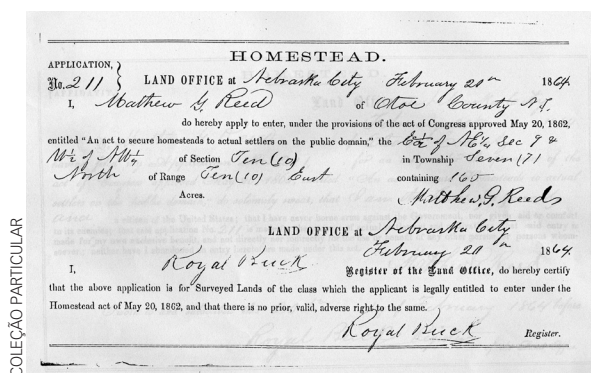
Em nosso caso nacional, os latifúndios têm sua produção baseada na monocultura para exportação, seguindo uma tradição de cinco séculos no Brasil. Essa é a característica de um país cuja economia é agroexportadora. Logo, se os lucros provenientes do agronegócio são apropriados por poucos, se a produção de alimentos não tem peso significativo para a alimentação do povo e se a quantidade de trabalhadores empregados no setor está muito aquém em relação ao tamanho da atividade, qual sua real importância social?

Reforma agrária no mundo

Todos os países de capitalismo central ou considerados desenvolvidos já realizaram suas respectivas reformas agrárias há décadas. Os Estados Unidos a fizeram no século XIX, até o final da Primeira Guerra Mundial (1919) foi a vez dos países da Europa Ocidental e depois da Segunda Guerra Mundial (1945) a realizaram Japão, Coreia e Filipinas.

Abraham Lincoln, em plena Guerra Civil (1861-1865 – quando o norte do país lutava contra os escravagistas do sul), no dia 20 de maio de 1862 aprovou o *Homestead Act* (Lei de Fazenda Rural). Com essa norma, todos os chefes de família, acima de 21 anos de idade, teriam o direito

de receber até 160 acres e neles permanecer ao menos cinco anos pagando um valor simbólico. Dessa maneira, os Estados Unidos fizeram sua reforma agrária criando um modelo de pequenas propriedades (sem latifúndio), para o desenvolvimento de várias culturas (sem monocultura e, portanto, primeiramente para o consumo interno – resolvendo igualmente o problema da fome) e onde as próprias famílias proprietárias trabalhariam (logo, sem a exploração de mão de obra alheia). O projeto deu certo e contribuiu para aquele país se tornar a maior potência capitalista do século XX. A reforma agrária é uma política pública rural sem nenhuma conotação socialista, como se pode ver, é essencial para o desenvolvimento do capitalismo.



Documento assinado por Lincoln sancionando a reforma agrária nos Estados Unidos.

Infelizmente, vários países de economia periférica e semiperiférica, como o Brasil, em pleno século XXI, ainda não a fizeram. A tabela abaixo ilustra a gravidade da situação brasileira.

Evolução da concentração da propriedade da terra no Brasil pelos imóveis – 2003/2010

Classificação imóveis	2003			2010			Crescimento da área por setor 2010/2003
	número	área (ha.)	peso s/ área total	número	área (ha.)	peso s/ área total	
1. Minifúndio	2 736 052	38 973 371	9,3%	3 318 077	46 684 657	8,2%	19,7%
2. Pequena propriedade	1 142 937	74 195 134	17,7%	1 338 300	88 789 805	15,5%	19,7%
3. Média propriedade	297 220	88 100 414	21,1%	380 584	113 879 540	19,9%	29,3%
4. Grande propriedade	112 463	214 843 865	51,3%	130 515	318 904 739	55,8%	48,4%
a) improdutiva	58 331	133 774 802	31,9%	69 233	228 508 510	(40,0%)	71,0%
b) produtiva	54 132	81 069 063	19,4%	61 282	90 396 229	(15,8%)	11,5%
5. Total Brasil	4 290 482	418 456 641	100%	5 181 645	571 740 919	100%	36,6%

Fonte: Cadastro do Incra – Classificação segundo dados pelo proprietário – e de acordo com a Lei Agrária/93.

Observemos que, entre 2003 e 2010, os latifúndios aumentaram 48,4%. Pior ainda, as terras improdutivas tiveram acréscimo de 71%; as produtivas, apenas 11,5%. Os minifúndios e as pequenas propriedades, juntos (39,4%), tiveram uma elevação menor que as grandes propriedades: 48,4%. Em termos de área, os latifundiários no período em questão (2003-2010) agregaram para si quase 100 milhões de hectares a mais. A tabela anterior também mostra que 40% das grandes propriedades rurais brasileiras são improdutivas. Isso significa 228 milhões de hectares. O latifúndio não só continua existindo no Brasil, mas predomina consolidado e mais forte do que nunca. Não é demais lembrar o que diz o artigo 5º da Constituição Federal quanto ao tema: "A desapropriação por interesse social, aplicável ao imóvel rural que não cumpra sua função social, importa prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária". Letra morta...

Por consequência, o crescimento dos latifúndios provoca, além dos problemas sociais já comentados (aumento no preço de alimentos, êxodo rural, empobrecimento nacional elevação da concentração da riqueza no país etc.) e o aprofundamento da violência no campo.

Massacre de Eldorado dos Carajás

Em 17 de abril de 1996, no sudeste do estado do Pará, 19 trabalhadores rurais foram assassinados pela Polícia Militar local, armada com espingardas

e metralhadoras, e mais três, por consequência do conflito, morreram depois. Outros 69 ficaram feridos, muitos permanecem até hoje com balas alojadas em seus corpos, mutilados e sem qualquer tipo de indenização do Estado. Parte dos assassinados foi morta à queima-roupa ou decepada com foices e facões. Dos comandantes da operação, o coronel Mario Colares Pantoja cumpre prisão domiciliar e o major José Maria Pereira de Oliveira encontra-se custodiado no Centro de Recuperação Especial Anastácio das Neves. Nenhum dos 155 policiais militares diretamente envolvidos nos crimes foram condenados, apesar de terem sido julgados por três vezes. O então governador do estado do Pará, Amir Gabriel, do PSDB, morreu em 2013 sem nunca ter sido julgado.

Segundo dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), ligada à igreja católica, entre 1985 e 2015, no Brasil, foram registrados 1270 casos de homicídios por disputas no campo. Apenas 108 foram julgados e somente 28 mandantes e 86 executores condenados. No país onde as capitânicas hereditárias ainda parecem estar em vigor, o dia 17 de abril foi escolhido como Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária e Dia Mundial da Luta Camponesa.

EXERCÍCIO

1. (UFPB) Os sistemas agrícolas e a produção pecuária podem ser classificados como intensivos ou extensivos. Essa noção está ligada ao grau de capitalização e ao índice de produtividade, independentemente do tamanho da área de cultivo ou de criação.
Nesse sentido, considerando as relações de trabalho, é correto afirmar que a agricultura intensiva utiliza
 - a) técnicas tradicionais de cultivo e colheita, além de apresentar elevados índices de produtividade.
 - b) técnicas modernas de preparo do solo e, por isso, não consegue explorar a terra por um longo período de tempo.
 - c) técnicas modernas de produção e, por isso, necessita de trabalhadores com distintas qualificações resultando em relações de trabalho mais complexas.**
 - d) grandes áreas de cultivo e/ou de pastagem, pois visa ao lucro, e emprega grande quantidade de mão de obra qualificada que reside na propriedade.
 - e) pequenas áreas de cultivo e/ou de pastagem, pois há o emprego de técnicas tradicionais de produção gerenciadas pelo proprietário e sua família, que não residem na propriedade.



ESTUDO ORIENTADO



Caro(a) aluno(a),

O principal objetivo desta aula é entender as mudanças ocorridas atualmente no meio rural. Além disso, saber relacionar a questão fundiária não só com os problemas essenciais do campo, mas igualmente da cidade e da estrutura do sistema capitalista.

Especificamente, vemos como sendo vital compreender os limites e as necessidades da reforma agrária para que na aula seguinte possa se relacionar todas essas questões com as mazelas provocadas pela fome.

Quais as ligações entre os comentários anteriores e, por exemplo, o agronegócio e a agricultura familiar? Por que você, que mora na cidade, tem de se preocupar com isso?

É esse o convite que lhe fazemos agora.

Bons estudos!



EXERCÍCIOS

1. (UFRN) A respeito do comércio global de alimentos no contexto atual, é correto afirmar:
 - a) A Argentina apresenta uma baixa produção de cereais, constituindo-se em um dos maiores importadores de trigo.
 - b) O Brasil assume uma posição irrelevante na produção mundial de soja.
 - c) O Japão se destaca na produção de cereais, constituindo-se em um dos principais exportadores de trigo.
 - d)** Os Estados Unidos assumem posição de liderança na produção mundial de soja.

2. (UFMG) Considerando-se o atual estágio da agricultura mundial, é incorreto afirmar que
 - a) a agricultura voltada para o mercado interno, em países como o Brasil, ao incorporar insumos e tecnologias gerados pelo agronegócio, pode promover elevação dos preços dos alimentos para o consumidor.
 - b)** a maior disponibilidade de terras agrícolas, em escala planetária, é encontrada nas zonas temperadas, onde a fragilidade dos solos constitui obstáculo à expansão de sua exploração.
 - c) a produção global de alimentos, na atualidade, é capaz de atender ao consumo em escala planetária, embora a ingestão de alimentos por parcela da população mundial ainda se dê de forma insuficiente em quantidade e diversidade.

- d) as restrições geográficas impostas, em decorrência de determinadas condições de clima, solo e relevo, a um numeroso grupo de cultivos são, em grande parte, satisfatoriamente contornadas por práticas de manejo modernas.

3. (UFRR)

Até o final da década de 1980, existiam na África treze conflitos regionais (Angola, Etiópia, Libéria, Sudão, Chade, entre outros). Um ano depois, esse número diminuiu para seis, diante dos altos custos de sua manutenção. Com o relaxamento das tensões EUA-URSS (distensão), os países africanos também deixaram de ser o descalche de armas convencionais dos dois países. Entre 1984 e 1987, as despesas militares diminuíram de 5,2% do PNB, acumulado dos países em conflito para cerca de 4,3%. O cenário que resulta é desolador. Destruição econômica e destruição social, com a disseminação da fome e da epidemia da Aids.

OLIVA, J. e GIANANTI, R.
Espaço e modernidade: temas da geografia mundial.
São Paulo: Atual, 1995.

Os conflitos existentes na África, juntamente com a fome e as epidemias, são elementos que constituem o triste cenário deste continente. Entre as

explicações para compreendermos a existência dessas intermináveis guerras regionais, podemos apontar que:

- a) a atual disputa pelo potencial mercado de alimentos impulsiona as grandes potências africanas a investirem maciçamente na produção e venda de armamentos.
 - b) o continente africano exerce importante papel estratégico nas relações políticas e ideológicas entre os países que compõem os blocos econômicos mundiais.
 - c) os conflitos ocorrem por conta do interesse de diversas tribos, em constituírem um espaço comum africano para agregar as diversas comunidades em um mesmo grupo étnico-linguístico cultural.
 - d) as atuais fronteiras foram traçadas pelos colonizadores europeus sem respeitar a antiga organização tribal e a distribuição geográfica das etnias no continente.
 - e) as comunidades étnicas optaram por entrar em conflitos armados, estimulados pela inserção do capitalismo neoliberal e, principalmente, por conta dos diversos produtos industrializados disponíveis nos mercados africanos.
4. (UFTM) Um sistema agrícola singular é caracterizado pela existência de pequenas comunidades de agricultores, que, organizados em aldeias, praticam a policultura. Esse sistema, além da geração de produtos básicos para consumo próprio e para o mercado interno, concentra-se em um produto voltado exclusivamente para exportação. Apesar de praticada em moldes tradicionais, com baixa tecnologia e produtividade, a policultura se sustenta pelas rendas geradas com o produto de exportação, que tem como destino mercados com população de alta renda. Um exemplo desse sistema agrícola é o da produção e consumo
- a) do cacau, matéria-prima para o chocolate, exportado por alguns países da África para o mercado europeu.
 - b) da coca, produzida nos países andinos e que tem como destino os países vizinhos mais ricos: Brasil e Argentina.
 - c) do chá, que desde o século XIX se mantém como principal produto de comércio entre a Índia e a Inglaterra.
 - d) do algodão, matéria-prima da indústria têxtil, exportado em grande escala do Brasil para os Estados Unidos.
 - e) do milho, sustentáculo dos países do sudeste asiático.



RODA DE LEITURA

Após a atenta leitura da entrevista a seguir, construa um texto dissertativo relacionando boa alimentação, agrotóxicos e reforma agrária.

Reforma agrária e incentivo a pequenos produtores são caminho para alimentação saudável, diz Bela Gil

Famosa nas redes sociais pelos memes (piadas populares na rede), há uma semana a apresentadora Bela Gil, filha do cantor Gilberto Gil, arrebatou a internet pelo seu poder de mobilização. Em apenas meia hora, ela conseguiu mudar o resultado de uma consulta pública feita pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) sobre o banimento de um dos agrotóxicos mais frequentes na mesa do brasileiro, o carbofurano. Ela conseguiu isso a partir de uma convocação em suas páginas do Facebook e Instagram.

Como de costume, Bela acompanha e vota nas consultas públicas sobre agrotóxicos promovidas pela agência. Mas naquele dia, foi alertada por uma amiga que a consulta seria encerrada em poucas horas com um resultado negativo. Então, decidiu se manifestar publicamente e tentar mobilizar alguns seguidores.

Questão de saúde

“Obviamente não tinha pensado que faria uma diferença tão grande, mas resolvi tentar. É importante ter essa reavaliação periódica sobre agrotóxicos, pois agora com mais estudos a gente consegue ver os prejuízos e repensar. O Brasil precisa abrir o olho e mudar de lado para tomar conta da saúde da população”, afirma.

O resultado da consulta pública está em fase de avaliação por um colegiado formado por cinco diretores da Anvisa. Bela acredita que os 69% dos formulários preenchidos a favor da exclusão do agrotóxico terão influência direta na decisão final dos especialistas. “Essa transparência é muito importante para que a sociedade seja incluída, sinta o poder que pode representar e para que eles entendam a mudança que a gente quer”.

Mudar o mundo

A apresentadora, que pensa na alimentação como uma forma de mudar o mundo, se define como ativista da alimentação saudável para a população. “Mas não

só. Também para os animais, para a terra, para todo mundo. Eu penso em fazer minha parte, quero mudança e se militância for lutar por mudança, me encaixo nessa definição”, complementa.

Segundo Bela, os alimentos orgânicos são os mais benéficos para todas as partes da cadeia produtiva, desde o agricultor até chegar ao consumidor. No entanto, eles são também os mais caros e mais difíceis de encontrar. Para que a alimentação saudável chegue de forma democrática à mesa dos brasileiros, a apresentadora acredita que há muitos caminhos a serem percorridos.

Reforma agrária

“Começa pela reforma agrária. O incentivo aos pequenos produtores é muito importante para que funcione a produção local e o fornecimento para o país. Outro ponto é a taxaço dos produtos altamente processados, que têm um teor de açúcar e gordura muito acima da quantidade recomendada. Se uma fruta for mais barata do que os salgadinhos de soja, hoje subsidiados pelo governo, ela pode ser mais consumida. Mas isso vai depender de propostas mais ousadas do governo, por isso temos que abrir o olho da população para que essa pauta seja reivindicada”, argumenta.

Enquanto isso, Bela acompanha outras duas consultas públicas da Anvisa, também pela proibição de mais dois agrotóxicos. “Caso a gente esteja perdendo a luta, pretendo me manifestar novamente”, garante.

PITASSE, M.

Brasil de Fato, 8 mar. 2016.



:: Sites

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST

Disponível em: mst.org.br. Acesso em: 15 abr. 2016. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), criado em 1984, está presente em 24 estados e contabiliza, em sua trajetória, a conquista de terra para mais de 350 mil famílias. É hoje o movimento social mais estruturado do país, mesmo sob a avalanche de críticas que recebe da maior parte da elite e grande mídia no Brasil. Em seu *site*, é possível acessar livremente uma vasta biblioteca digital.

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra

Disponível em: incra.gov.br. Acesso em: 15 abr. 2016. É uma organização do Governo Federal, ligada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, cuja missão é “executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional”. Em seu *site* há uma grande quantidade de conteúdos interessantes pertinentes a essa questão. São vídeos e os mais diversos tipos de textos e dados estatísticos que abordam legislação, situação da terra no Brasil, políticas públicas, solução de demandas etc.

:: Vídeo

Adaptação de *Morte e Vida Severina*

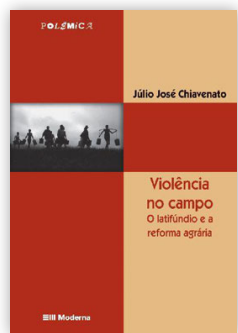
Disponível em: [youtube.com/watch?v=cIKnAG2Ygyw](https://www.youtube.com/watch?v=cIKnAG2Ygyw). Acesso em: 16 abr. 2016.

Produzida pela Fundação Joaquim Nabuco e pela TV Escola, a versão animada do clássico *Morte e Vida Severina* (1956) de João Cabral de Melo Neto, poeta brasileiro, é adaptada pelo cartunista Miguel Falcão. O desenho animado preserva o original e narra o percurso de Severino do sertão para o litoral pernambucano. Ótima oportunidade para se conhecer melhor a cultura brasileira e a dura vida do povo nordestino sem terra.

:: Livro

CHIAVENATO, Júlio José. *Violência no campo: o latifúndio e a reforma agrária*. São Paulo: Moderna, 1996.

A obra oferece uma análise crítica do tema em seus vários aspectos, causas e consequências, entre elas a conexão da concentração fundiária no Brasil e a origem colonial do país.



REPRODUÇÃO



“A reforma agrária é a maneira mais fácil e barata de gerar empregos. Enquanto um emprego na grande indústria da cidade custa US\$ 100.000, o assentamento

de uma família no campo custa apenas dez mil, desde que sem corrupção.”

Euclides José Teixeira Neto,
político brasileiro e escritor.

Considerando a frase acima e os conhecimentos discutidos nesta aula, debata com seus colegas e com seu(sua) professor(a) a urgência e a viabilidade da reforma agrária no Brasil ou, em tese, em qualquer outro país.





T.ARAMAC/TYBA

Somente peço a Deus
que a dor não me seja indiferente,
que a seca morte não me encontre
vazia e solitária, sem ter
feito o suficiente.

Música com letra de León Gieco gravada por Mercedes Sosa, ambos argentinos.

A produção de alimentos e a geografia da fome

Pelos campos há fome em grandes plantações

A letra da música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, sintetiza uma realidade mundial e nacional. Apesar de a alimentação ser um direito humano reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e pelo Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966, 795 milhões de pessoas (homens, mulheres, crianças, idosos) vão dormir com fome todas as noites, isto é, 12,9% da população mundial.¹ Mas em comparação com os 10 anos anteriores, 167 milhões saíram da fome. E em comparação com 2012, caiu 10,9%. Na América Latina são 34,3 milhões de famintos e na Ásia, o maior número: 511,7 milhões. Nesse continente, em 1990-1992, o total dos que passavam fome era de 742 milhões. Portanto, não obstante a persistência escandalosa e desumana da fome, 230,3 milhões saíram dessas estatísticas na Ásia: mais que a totalidade da população brasileira. Entretanto, ela continua mesmo que haja alimentos suficientes a todos os mais de 7 bilhões de habitantes no planeta. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef),² 16 mil crianças até 5 anos de idade (2015) morrem por causas relacionadas direta ou indiretamente à fome e doenças a ela associadas. São 11 crianças por minuto. A boa notícia é que em 1990 esse número estava em 35 mil com uma população mundial total de 5,4 bilhões. No entanto, mais uma vez, a situação é ainda bastante grave, pois são 5,9 milhões por

ano. Para termos uma ideia desse número: é a metade da população da cidade de São Paulo.³

O que produz essa situação contraditória?

Se não é a falta de alimento, então por que milhões morrem de fome?

Na Apostila 3, “O espaço da produção”, debatemos, entre outros temas correlatos, o papel das empresas transnacionais e os impactos de suas atuações nos territórios nacionais. Entre os setores brevemente discutidos no texto indicado, está o da alimentação. E é essa a análise que agora aprofundaremos: algumas das principais causas da fome crônica de um enorme contingente no meio de um mundo pleno de alimentos. Ao final deste texto, discutem-se algumas possibilidades, experiências e ideias para encaminhar a solução de tal tragédia humanitária.

Os cavaleiros do apocalipse

O título acima é utilizado pelo sociólogo suíço Jean Ziegler em um dos capítulos de seu livro “Destruição em massa: geopolítica da fome”,⁴ no qual investiga as causas globais da insegurança alimentar. O estudioso afirma que o Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), notadamente os dois primeiros, possuem um papel preponderante nessa questão.

¹ Dados divulgados pela FAO em 2015: O estado da insegurança alimentar no mundo.

² Fonte: Unicef, Relatório 2015, Níveis e Tendências em Mortalidade Infantil.

³ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2015 a população da cidade de São Paulo era de 11,9 milhões.

⁴ Indicado na seção **Roda de leitura** desta aula.

:: OMC: liberal para alguns

Para Ziegler, a OMC suspendeu os interesses público e coletivo quando liberalizou o comércio agrícola entre produtores extremamente desiguais. Quer dizer, retirou as proteções dos pequenos agricultores igualando-os aos grandes proprietários rurais com enormes subsídios governamentais, crédito e alta tecnologia. Prestou, a OMC, como resultado, vasta contribuição à concentração da produção, da riqueza e da alta dos preços das chamadas *commodities*.⁵ A fome endêmica,⁶ logo, começa entre os próprios pequenos agricultores ao não terem a menor chance de sobreviver à concorrência global. Perdem tudo (o pouco que possuem) e são obrigados a se transferir para as cidades onde se tornarão os pobres urbanos com grandes chances de aumentarem as favelas e as periferias das metrópoles. Os que continuam no meio rural acabam se tornando trabalhadores sem-terra. O próprio Banco Mundial revelou em 2015: 75% dos pobres no mundo vivem no campo.

Nesse sentido, a liberalização do comércio agrícola mundial, bem como das patentes e fluxos de capitais no setor, sem qualquer regulamentação e proteção da agricultura familiar e dos pequenos agricultores, eleva ainda mais o poder econômico e político dos poucos que já são muito grandes e provoca a ruína de milhões de camponeses e suas famílias. Economistas renomados, e defensores do capitalismo, defendem a ideia de que as relações existentes no sistema entre seus atores, notadamente as empresas transnacionais e as organizações internacionais multilaterais, devem operar dentro de um cenário com regras para que o individualismo privado não se sobreponha à coisa pública. Entre esses economistas destacam-se Robert Solow, Joseph Stiglitz, Paul Krugman, Thomas Piketty e Branko Milanovic,⁷ que pregam a participação do Estado no controle da economia global para evitar crises e diminuir a desigualdade. Em outras palavras, tais economistas, após décadas de estudos de primeiríssimo nível, afirmam que a racionalidade dos mercados não leva à estabilidade da economia. O mercado é um cavalo selvagem que precisa ser moderado com rédeas curtas.

⁵ Bens de origem mineral, vegetal ou agropecuário (café, petróleo, soja, trigo, minérios, milho etc.), produzidos mundialmente e em grandes quantidades – cujos preços são determinados internacionalmente pela negociação em bolsas de valores.

⁶ Ver livro indicado na seção **Navegar**: *Geografia da Fome*, de Josué de Castro. Fome epidêmica ocorre em situações extraordinárias: guerras, catástrofes naturais e outras eventualidades. A fome endêmica é aquela em que o indivíduo não consome o mínimo necessário de calorias, tornando-se desnutrido ou subnutrido.

⁷ Todos em plena atividade, os três primeiros ganharam o Nobel da Economia (1987, 2001 e 2008, respectivamente). Piketty é autor de um dos maiores *best-sellers* da ciência econômica: *O capital no século XXI*, e Milanovic foi economista-chefe do Departamento de Pesquisas do Banco Mundial.

:: Como dominar as nações: a lição do FMI

Ao realizar empréstimos para governos nacionais, o FMI obriga os países a adotarem a mesma política econômica liberalizante da OMC: Estado mínimo; diminuição dos gastos públicos, incluindo-se gastos sociais; retirada de direitos trabalhistas; privatização; e desregulamentação. O que se pode esperar enquanto consequências socioeconômicas? Por certo, aumento da pobreza e da fome. Além disso, há outro agravante: para que os devedores (Estados periféricos ou semiperiféricos) paguem as dívidas externas que possuem com o FMI ou bancos credores, devem gerar divisas em dólar, o que geralmente conseguem somente exportando, na maior parte das vezes, matérias-primas para os próprios países que lhe são credores (as famosas *commodities*: minérios, alimentos etc.). O comércio internacional, como vimos, normalmente é injusto ao igualar os muito desiguais: os próprios países centrais (e também credores das referidas dívidas externas) estabelecem os preços (determinados pelas bolsas de valores globais) das matérias-primas que vão comprar. O ciclo se completa criando ilhas de imensa riqueza isoladas por amplos oceanos de fome, pobreza e miséria. O ciclo deve ser rompido e é isso o que propõem os economistas anteriormente mencionados.

Alimentos e biocombustíveis ou o ouro verde

O petróleo, motor da economia capitalista global há mais de 100 anos, é um combustível fóssil não renovável e por isso acabará mais cedo ou mais tarde. A pergunta é: quando isso de fato ocorrerá? E quando ocorrer, o mundo já deverá estar preparado para a sua efetiva substituição. Uma das possibilidades são os biocombustíveis: biodiesel e bioetanol. São renováveis e biodegradáveis. Isto é, sua oferta é infinita e sua emissão causa um impacto muito menor que os combustíveis derivados do petróleo.

No entanto, há alguns desafios. Muitos desses combustíveis utilizam, para serem produzidos, vegetais consumidos também como alimentos ou empregados no preparo deles. Por exemplo, pode-se fazer biodiesel por meio da mamona, soja, girassol, amendoim, dendê, entre outros. Para a produção do álcool combustível utiliza-se, no Brasil, a cana-de-açúcar e nos Estados Unidos, o milho – base alimentar tradicional para centenas de milhões de pessoas.

Existe ainda outro inconveniente: o tanque de combustível de um carro médio tem a capacidade de 50 litros. Para enchê-lo de álcool etanol são necessários 358 quilos de milho, o suficiente para alimentar uma pessoa durante um ano.⁸ Além disso, há a degradação do ambiente: florestas podem acabar sendo derrubadas para dar lugar às plantações destinadas aos biocombustíveis.

:: Diversidade de fontes, principalmente as renováveis

Estamos então condenados a um impasse no que se refere ao fornecimento de energia e alimentos para a humanidade? Talvez não. Quanto à energia para geração de eletricidade, funcionamento de máquinas e motores, entre várias outras funções, a solução mais razoável e provável pode ser a construção de um sistema complexo com a presença de várias fontes de geração de energia. Ou seja, agregando-se aos recursos fósseis a utilização de fontes eólicas, solar, hidráulica, biomassa, geotérmica,⁹ gravitacional¹⁰ etc., bem como, o que não está fora de questão, da energia nuclear. Não devemos nos esquecer de que o uso de toda fonte energética possui efeitos ambientais negativos. Aliás, a presença do homem no planeta Terra gera consequências na natureza.¹¹ Assim, não se dependeria de somente um tipo de fonte, o que é extremamente inseguro.

Os alimentos enquanto *commodities*: especulação no mercado financeiro

A partir da crise financeira mundial de 2008, com a falência de empresas gigantes¹² e a quase falência de várias outras que tiveram de ser socorridas com dinheiro público para não sucumbirem à crise, muitos agentes, gestores, consultorias e fundos de investimentos que operavam no mercado financeiro migraram para os mercados de matérias-primas, ou seja, de negociação das

commodities. Fatores externos, entre eles os climáticos, que influenciam a oferta de alimentos de base (principalmente arroz, milho e trigo) são potencializados pela especulação financeira. O mercado futuro de *commodities* foi criado, inicialmente, como uma forma de seguro aos produtores diante das flutuações de preços causadas, segundo já indicado, principalmente pelas variações climáticas. No entanto, a desregulamentação do setor financeiro também atingiu esse mercado desde os anos 1990,¹³ abrindo espaço para a mais pura especulação.

:: Os preços internacionais dos alimentos subiram porque...

Ao se somar o uso de alimentos de base para a produção de biocombustíveis e a mercantilização (financeirização) extrema das *commodities* às já referidas questões climáticas, tais fatores contribuíram fortemente para as duas grandes altas nos preços internacionais dos alimentos em 2008, quando o preço dos cereais (arroz, milho e trigo) subiu 57% em relação a 2006¹⁴ e 29% em janeiro de 2011 em relação ao mesmo período do ano anterior.¹⁵

:: O boom brasileiro

Uma relação interessante entre o Brasil e a alta nos preços das *commodities* está na afirmação do cientista político da Universidade de São Paulo (USP), André Singer. Para ele, entre os anos 2004 e 2010, no país, a elevação dos valores das *commodities* nos mercados globais permitiu que o Brasil, apesar de aplicar uma política econômica neoliberal recessiva (juros altos, câmbio livre e altos superávits) conseguiu uma proeza. Cresceu entre 3% e 4% ao ano, em média, e com isso aplicou políticas públicas para o intenso combate à pobreza e principalmente à extrema pobreza. Entre elas, destacam-se o programa de transferência de renda para os mais pobres (Bolsa Família), a oferta abundante de crédito para estimular o consumo dos imensos extratos sociais menos abastados e o incrível aumento real de 70% do salário mínimo entre 2003 e 2014.

Ou seja, a estratégia global de poderosas corporações transnacionais para a obtenção de lucro máximo por

⁸ Dados fornecidos por Jean Ziegler na obra já referida nesta aula.

⁹ Provenientes do altíssimo calor existente nas camadas abaixo da crosta terrestre.

¹⁰ Oriundas do movimento das marés nas águas oceânicas.

¹¹ Atualmente cientistas da Comissão Internacional de Estratigrafia discutem o estabelecimento de uma nova fase geológica do planeta Terra. Estaríamos migrando para um novo período em que a presença humana seria determinante, chamado de Antropoceno.

¹² Para citar somente duas: o banco de investimentos Lehman Brothers, o quarto maior dos Estados Unidos, com 158 anos de existência e aproximadamente 10 mil trabalhadores e a maior seguradora também desse país, a AIG (American International Group).

¹³ De acordo com a obra mencionada de Jean Ziegler, o processo de financeirização dos alimentos de base se acentuou entre 2005 e 2008.

¹⁴ Segundo relatório da FAO de 2009.

¹⁵ Segundo relatório do Banco Mundial de 2011.

meio das altas nos valores das *commodities* (debatido na sequência) e que elevou a fome mundial contribuiu para a diminuição desta no Brasil.

Isso, entretanto, não nos desautoriza a propor a seguinte questão: a produção de alimentos tem respeitado as normas legais internacionais que defendem a alimentação enquanto direito humano ou acabou servindo aos ávidos interesses monetários de pequenos grupos?

Controle global da produção

A especulação financeira no mercado de alimentos é agravada por outro fator. Já recordamos no início do texto desta aula que, no Caderno 3, comentamos alguns aspectos do controle mundial do setor de alimentação por algumas poucas corporações transnacionais.

A partir de relatório produzido pelo Oxfam em 2013,¹⁶ apenas 10 conglomerados empresariais controlam a maior parte dos alimentos e bebidas consumidos no mundo. Trata-se de verdadeiro oligopólio e, por conseguinte, realidade contrária às mais básicas leis do capitalismo, isto é, o elemento da concorrência para a melhoria dos preços e qualidade dos produtos oferecidos, bem como o equilíbrio entre oferta e procura. Veja a seguir uma tabela com dados das corporações:

Empresa	Receita (bilhões de dólares)	Trabalhadores (mil)	Algumas marcas
Nestlé	103,5	333	Leite Moça, Nescau, Nescafé
Unilever	68,5	174 381	Ades, Kibon, Knorr
PepsiCo	66,4	274	Pepsi, ElmaChips, Toddynho
Coca-Cola Company	46,9	130 600	Coca-Cola, Mate Leão, Del Valle
Mondelez International	35,3	107	Tang, Toblerone, Bubbalo
Mars, Inc	33	60	M&M's, Twix, Uncle Ben's
Danone S. A.	29,3	104 642	Danone, Activia, Danette
ABF – Associated British Foods	21,1	112 652	Fleischmann
General Mills	17,9	43	Yoki
Kellogg Company	14,8	30 227	Sucrilhos, Corn Flakes, All Brain

Fonte: Oxfam, 2014.

Desperdício

Outro fator muito importante no complexo de causas que levam à fome crônica no mundo é o desperdício que ocorre em toda a cadeia logística: desde a produção até chegar ao prato do consumidor. Segundo estudo divulgado pela FAO em 2013, um terço de todos os alimentos produzidos no mundo (1,3 bilhões de toneladas) são desperdiçados todos os anos. Essa quantidade seria suficiente para alimentar 2 bilhões de pessoas. Ou seja, acabaria com a fome crônica dos 795 milhões de seres humanos nessa condição.

Ainda de acordo com a pesquisa, o desperdício, em sua maior parte (54%), ocorre na produção propriamente dita: manipulação, pós-colheita e armazenagem. O restante, 46%, no processamento, distribuição e consumo. Basicamente sua solução está no investimento para a melhoria da gestão e da educação nutricional.

¹⁶ *Behind the Brands* (Por trás das Marcas).

Alternativas

Produzida pela FAO em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e o Programa Mundial de Alimentos (PMA) no ano de 2015, a pesquisa "O Estado da Insegurança Alimentar no Mundo" divulga a situação em relação às medidas adotadas para o fim da fome no mundo, além de propor ações nesse sentido; entre elas, sintetizamos:

- **Crescimento econômico inclusivo e redução da pobreza:** mesmo que o aumento populacional no mundo ocorra em menor velocidade e percentuais, o crescimento econômico com distribuição da riqueza é necessário.
- **Desenvolvimento da agricultura familiar e de pequena escala:** sabe-se que a maior parte das pessoas com fome vive no campo. Logo, estimular o desenvolvimento das populações rurais por meio da distribuição da propriedade da terra (Reforma Agrária), junto com todo o suporte para a produção agropecuária, é essencial. Isso também geraria maior oferta de alimentos a toda a sociedade.
- **Justiça no comércio internacional:** no mesmo sentido da proposição anterior, aumentar a produtividade e a competitividade dos agricultores em países periféricos e semiperiféricos, abrindo também a eles o acesso ao mercado mundial (o que demandaria uma regulação global). Tais medidas

contribuiriam para um comércio menos assimétrico e, conseqüentemente, para a diminuição da pobreza no campo e das respectivas conseqüências urbanas notoriamente sabidas.

- **Políticas sociais:** devem ser praticadas sistematicamente e enquanto políticas públicas pelos governos. Entre alguns exemplos, destaca-se o saneamento básico e o acesso à renda.
- **Paz social e estabilidade política:** evitar ou cessar situações nacionais de conflitos sociais e guerras prolongadas, pois nesses contextos os mais pobres são as maiores vítimas ao serem atingidos em seus direitos elementares, entre eles, a alimentação.
- **Condições naturais e climáticas:** catástrofes climáticas ocorrem, normalmente, sem que se possa impedir e sem que sejam causadas diretamente pelo homem. No entanto, é essencial que possam ser previstas para que haja o devido preparo a seu enfrentamento. Ademais, sabe-se que a ação humana tem provocado fortes desequilíbrios na natureza, causando enormes prejuízos às populações, entre eles a alimentação com a destruição de safras e de cidades. Por conseqüência, enfrentar tais desafios é fundamental.

São medidas plenamente realizáveis em perfeito alcance de todos os atores envolvidos. Sendo assim, em princípio, o fim da fome depende de decisões políticas dos governos, das corporações empresariais e da sociedade civil organizada. Não há nenhum segredo para seu fim.



EXERCÍCIO

1. (Enem) Leia o Texto I de Josué de Castro, publicado em 1947.

O Brasil, como país subdesenvolvido, em fase de acelerado processo de industrialização, não conseguiu ainda se libertar da fome. Os baixos índices de produtividade agrícola se constituíram como fatores de base no condicionamento de um abastecimento alimentar insuficiente e inadequado às necessidades alimentares do nosso povo.

CASTRO, J.

Adaptado de: *Geografia da fome*.

Leia o Texto II sobre a fome no Brasil, publicado em 2001.

Uma das evidências contidas no mapa da fome consiste na constatação de que o problema alimentar no

Brasil não reside na disponibilidade e produção interna de grãos e dos produtos tradicionalmente consumidos no país, mas antes no descompasso entre o poder aquisitivo de ampla parcela da população e o custo de aquisição de uma quantidade de alimentos compatível com as necessidades do trabalhador e de sua família.

Adaptado de: mct.gov.br.

Comparando os textos I e II, podemos concluir que a persistência da fome no Brasil resulta principalmente:

- a) da renda insuficiente dos trabalhadores.
- b) de uma rede de transporte insuficiente.
- c) da carência de terras produtivas.
- d) do processo de industrialização.
- e) da pequena produção de grãos.

**ESTUDO ORIENTADO**

Caro(a) aluno(a),

Por que após milênios, depois da produção de uma enorme quantidade de conhecimentos, estudos científicos e inovações tecnológicas, após o desenvolvimento de várias formas de gestão e planejamento do território, após a elaboração e a aplicação de políticas públicas e com abundância de alimentos ainda não se conseguiu acabar com a fome?

O que você proporia para se acabar definitivamente com esse problema? Ou você acredita que isso nunca terá fim?

Debater as suas causas e possíveis soluções desse que é um dos principais problemas mundiais é o objetivo essencial desta aula.

Bons estudos!

**EXERCÍCIOS**

1. Enem

Texto I

A nossa luta é pela democratização da propriedade da terra, cada vez mais concentrada em nosso país. Cerca de 1% de todos os proprietários controla 46% das terras. Fazemos pressão por meio da ocupação de latifúndios improdutivos e grandes propriedades, que não cumprem a função social, como determina a Constituição de 1988. Também ocupamos as fazendas que têm origem na grilagem de terras públicas.

Adaptado de: mst.org.br.
Acesso em: 25 ago. 2011.

Texto II

O pequeno proprietário rural é igual a um pequeno proprietário de loja: quanto menor o negócio, mais difícil de manter, pois tem de ser produtivo e os encargos são difíceis de arcar. Sou a favor de propriedades produtivas e sustentáveis e que gerem empregos. Apoiar uma empresa produtiva que gere emprego é muito mais barato e gera muito mais do que apoiar a reforma agrária.

LESSA, C.

Adaptado de: observadorpolitico.org.br.
Acesso em: 25 ago. 2011.

Nos fragmentos dos textos, os posicionamentos em relação à reforma agrária se opõem. Isso acontece

porque os autores associam a reforma agrária, respectivamente, à

- a) redução do inchaço urbano e à crítica ao minifúndio camponês.
- b) ampliação da renda nacional e à prioridade ao mercado externo.
- c) contenção da mecanização agrícola e ao combate ao êxodo rural.
- d) privatização de empresas estatais e ao estímulo ao crescimento econômico.
- e) correção de distorções históricas e ao prejuízo ao agronegócio.

2. (Unimontes) O livro intitulado *Ensaio sobre o Princípio da População*, de Thomas Robert Malthus, mostra uma teoria demográfica que

- a) defende que o avanço tecnológico provoca a fome e o desemprego estrutural.
- b) explica que o crescimento populacional será reduzido com a urbanização.
- c) afirma que a fome é provocada pela desigualdade socioeconômica entre as pessoas.
- d) relaciona crescimento populacional com a fome.

3. IFBA

O homem do campo brasileiro, em sua grande maioria, está desarmado diante de uma economia cada vez mais modernizada, concentrada e desalmada, incapaz de se premunir contra as vacilações da natureza, de se

armar para acompanhar os progressos técnicos e de se defender contra as oscilações dos preços externos e internos, e a ganância dos intermediadores. Esse homem do campo é menos titular de direitos que a maioria dos homens da cidade, já que os serviços públicos essenciais lhe são negados, sob a desculpa da carência de recursos para lhe fazer chegar saúde e educação, água e eletricidade, para não falar de tantos outros serviços essenciais.

SANTOS, M.

O espaço do cidadão. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007. p. 41-42.

Analisar o direito ao campo brasileiro na perspectiva democrática torna-se uma questão de grande complexidade para os cientistas sociais. Nesse sentido, é correto afirmar que:

- a) o processo de redemocratização possibilitou a conquista dos direitos sociais do homem do campo, com a extinção das condições de trabalho escravo.
- b)** os movimentos sociais de luta pela e na terra reivindicam a conquista dos direitos sociais da democracia na sua prática cotidiana.
- c) a implantação da política agrária pelo Estado Democrático de Direito socializou a estrutura da propriedade da terra no campo brasileiro.
- d) o aumento substancial da produtividade, do trabalho e emprego pelo agronegócio vem garantindo a cidadania ao homem do campo.
- e) os povos e as comunidades tradicionais têm a propriedade da terra garantida em lei pelo direito histórico ao território para a reprodução social da vida.

4. (UFRN) Leia a charge a seguir.



Adaptado de: fernandaprofessorageografia.blogspot. Acesso em: 20 jul. 2013.

A charge coloca em evidência um conflito que está presente no espaço rural brasileiro. Esse conflito envolve duas lógicas: a preservação da floresta e a expansão do agronegócio. No Brasil, o desenvolvimento do agronegócio

- a)** requer grandes extensões de terra para o cultivo de monoculturas, degradando áreas de floresta nativa.
- b) baseia-se no uso intensivo do solo para a prática da policultura, provocando desmatamento em reservas florestais.
- c) favorece a desconcentração de terras para a produção agrícola, provocando a erosão de solos em áreas de floresta.
- d) fundamenta-se na diversificação do uso do solo para fins agrícolas, degradando o ecossistema florestal.

5. (Fuvest)

Pela primeira vez na história da humanidade, mais de um bilhão de pessoas, concretamente 1,02 bilhão, sofrerão de subnutrição em todo o mundo. O aumento da insegurança alimentar que aconteceu em 2009 mostra a urgência de encarar as causas profundas da fome com rapidez e eficácia.

Relatório da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), primeiro semestre de 2009.

Tendo em vista as questões levantadas pelo texto, é correto afirmar que

- a) a principal causa da fome e da subnutrição é a falta de terra agricultável para a produção de alimentos necessários para toda a população mundial.
- b) a proporção de subnutridos e famintos, de acordo com os dados do texto, é inferior a 10% da população mundial.
- c)** as principais causas da fome e da subnutrição são disparidades econômicas, pobreza externa, guerras e conflitos.
- d) as consequências da subnutrição severa em crianças são revertidas com alimentação adequada na vida adulta.
- e) o uso de organismos geneticamente modificados na agricultura tem reduzido a subnutrição nas regiões mais pobres do planeta.



RODA DE LEITURA

Há mais de duas décadas, as privatizações, a liberalização dos movimentos das mercadorias, serviços, capitais e patentes avançaram assombrosamente. Os Estados pobres do Sul, repentinamente, viram-se despojados de suas prerrogativas em termos de soberania. As fronteiras desapareceram, os setores públicos – inclusive hospitais e escolas – foram privatizados. E, em todo o mundo, as vítimas da subalimentação e da fome aumentaram.

Um estudo do Oxford Committee for Famine Relief (Oxfam), que logo se tornou célebre, demonstrou que, ao longo da década de 1990-2000, a aplicação dos planos de ajustamento estrutural lançou novos milhões de seres humanos no abismo da fome.

A razão é simples: o FMI está justamente encarregado da administração da dívida externa dos 122 países ditos do Terceiro Mundo. Esta ascendia, em 31 de dezembro de 2010, a 2,1 trilhões de dólares.

Para servir aos interesses e aos pagamentos da amortização da sua dívida para com os bancos credores ou o FMI, o país devedor tem necessidade de divisas. Os grandes bancos, evidentemente, negam-se a receber em gurdes haitianos, bolivianos ou tugriks mongóis.

Como um país pobre da Ásia do Sul, dos Andes ou da África Negra pode obter as divisas necessárias? Exportando bens manufaturados ou matérias-primas que lhe serão pagos em divisas.

Dos 54 países da África, 37 são quase inteiramente agrícolas.

Periodicamente, o FMI concede aos países superendividados uma moratória temporária ou um refinanciamento de sua dívida – desde que o país aceite se submeter aos planos ditos de ajustamento estrutural. Todos esses planos implicam a redução, no orçamento dos países envolvidos, das despesas relativas à saúde e à educação, e a eliminação dos subsídios aos alimentos de base e à ajuda às famílias necessitadas.

Os serviços públicos são as primeiras vítimas dos planos de ajustamento estrutural. Milhares de funcionários – enfermeiros, professores e outros empregados dos serviços públicos – foram despedidos nos países submetidos a um ajustamento estrutural do FMI.

[...] A agricultura de víveres morre. O FMI exige a ampliação das culturas coloniais, cujos produtos – algodão, amendoim, café, chá, cacau etc. – poderão ser exportados ao mercado mundial e trazer divisas, que serão destinadas ao serviço da dívida.

A segunda tarefa do FMI é abrir os mercados do Sul às sociedades transcontinentais privadas da alimentação. Por isso, no hemisfério sul, o livre-comércio carrega o rosto repugnante da fome e da morte.

O trecho anterior faz parte do livro, já mencionado neste Caderno, *Destruição em massa: a geopolítica da fome*, do sociólogo suíço Jean Ziegler. Construa um texto explicando a relação entre política econômica, fome e corporações transnacionais.



NAVEGAR

:: Sites

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO

Disponível em: fao.org/brasil/pt/. Acesso em: 15 abr. 2016. A organização destaca-se na produção de estudos, bem como na proposição e divulgação de políticas públicas na área de segurança alimentar. Além disso, executa programas e projetos para combater a fome e a pobreza em várias partes do mundo. Consultar o *site* é essencial para entender os temas da presente aula.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

Disponível em: embrapa.br. Acesso em: 16 abr. 2016. É uma organização vinculada ao Governo Federal (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), cuja função é a inovação tecnológica e científica para o desenvolvimento de uma agricultura e pecuária tropical e a produção de energia. Trata-se de uma empresa com atuação e amplo reconhecimento internacionais (tem laboratórios virtuais nos Estados Unidos, Europa, China e Coreia do Sul) e três escritórios na América Latina e África.

:: Vídeos

A estrada da fome

Disponível em: [youtube.com/watch?v=M60Rqo1gkQs](https://www.youtube.com/watch?v=M60Rqo1gkQs). Acesso em: 15 abr. 2016.

Produzido pela Rede Record de Televisão, esse documentário, de 2015 mostra a fome e a miséria em algumas das cidades mais pobres do Brasil no estado do Maranhão, condição presente no Brasil e em vários outros países.

:: Livros

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Porto: Brasília Editora, 1946.

Josué de Castro (autor de vastíssima produção com mais de 200 títulos) não pode deixar de ser lido por todo cidadão que deseja entender a questão e muito menos

por estudantes de qualquer área, especialmente para os que se dedicam às humanidades. Escrito em 1946, encontra-se atualíssimo, além de ter lançado conceitos básicos utilizados até hoje, como áreas alimentares, áreas de fome endêmica, áreas de fome epidêmica, áreas de subnutrição, entre outros.



REPRODUÇÃO

BOJANIC, Alan Jorge (Coord.). *Superação da fome e da pobreza rural: iniciativas brasileiras*.

Referida anteriormente, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura produz muitos estudos relacionados à fome. A maior parte deles estão em outros idiomas, mas alguns são elaborados na Língua Portuguesa.

Em março de 2016 foi publicado, também na versão eletrônica, o livro *S*, coordenado também por Alan Jorge Bojanic. Nessa obra, são divulgadas e discutidas políticas públicas alternativas contra a fome nas áreas rurais. Como



ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA, BRASÍLIA, BRASIL

→ ÁGORA

Criado em 2003, o Programa de transferência direta de renda e de segurança alimentar, Bolsa Família, busca proporcionar o acesso à alimentação, à saúde e à educação. Atende, em todo o Brasil, a quase 14 milhões de famílias que, sem os recursos recebidos, voltariam à situação de extrema pobreza.

Em relatório publicado pela FAO no ano de 2015, o Brasil é visto como protagonista mundial no combate à fome ao atingir duas das metas estabelecidas pela ONU: cortar pela metade o número de pessoas passando fome e reduzir esse número para menos de 5% da população. Entre as causas apontadas, estão as políticas públicas “Fome Zero” e “Bolsa Família”. Ainda de acordo com o estudo, o Brasil, no período entre 2002 e 2014, foi o país mais populoso do mundo com a maior redução de subalimentados: 82,1%.

Entretanto, muitos consideram que tais projetos sociais são bastante negativos afirmando, por exemplo, que “dão o peixe, mas não ensinam a pescar”.

Converse com seus colegas e professores e, se possível, faça um debate em sala de aula com a formação de dois grupos: um a favor e outro contra o Bolsa Família.



A solução dos grandes desafios das metrópoles e do campo e o fim da fome passam fundamentalmente pela construção e aplicação de políticas públicas.



Aula 11 – O fenômeno da urbanização e o desafio das grandes metrópoles

:: Estudo orientado

1. e
2. d
3. a
4. c
5. c
6. c
7. d

Aula 12 – Geografia rural e agrária

:: Estudo orientado

1. d
2. b
3. d
4. a

Aula 13 – A produção de alimentos e a geografia da fome

:: Estudo orientado

1. e
2. d
3. b
4. a
5. c